

## A épica vergiliana e o DIMER de Junito de Souza Brandão

Profa. Dra. Miriam Sutter – PUC

Resumo:

O *Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia e da Religião Romana* (DIMER) de Junito Brandão representa muito mais que um “complemento necessário” ao conjunto de sua obra publicada anteriormente, a saber: os três volumes de *Mitologia Grega* e os dois volumes do *Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega* (DIMEG). No DIMER, os verbetes que constelam o universo vergiliano oferecem ao leitor da *Eneida* de Vergílio uma visão ampla da cultura romana e, principalmente, da literatura latina em seus multifacetados aspectos: religiosos, filosóficos, literários e míticos. A fim de melhor esclarecer o que afirmamos, escolhemos os verbetes *Dido* e *Escatologia* como suporte de nossa argumentação.

Palavras-chave: épica romana; universo vergiliano; escatologia; Dido; mito; fontes de pesquisa; DIMER.

O primeiro verbe, *Dido*, remete-nos mais especificamente ao Canto IV da *Eneida*, um dos mais belos e surpreendentes do poema. O episódio de Dido e Enéias evoca o encontro de Ulisses e Calipso da épica homérica *Odisséia*, pois Vergílio segue a concepção estética de sua época, em que a emulação dos modelos gregos (*exemplaria*) era a tônica do artístico, como nos atesta Horácio<sup>1</sup>. Homero era, portanto, o horizonte de Vergílio. Em seu poema adota como estrutura básica para a viagem de Enéias a odisséia marítima de Ulisses. A narrativa das viagens do herói vergiliano ocupa os seis primeiros cantos. Para os cinco últimos, em que são narradas as batalhas do herói para estabelecer uma nova Tróia em terras do Lácio, sua referência primordial é a *Ilíada*, ainda que a luta de Ulisses contra os pretendentes também encontre ecos na *Eneida*.

A originalidade de Vergílio reside justamente no fato de ter de construir seu poema sobre e a partir da já longa tradição histórica e literária de Roma, sem contudo deixar de dialogar com as grandes obras da

<sup>1</sup> *Ep. ad Pis.* 268-269: *Vos exemplaria Graeca / nocturna versate manu, versate diurna.*

cultura helênica e helenística. A tradição romana é visceralmente histórica. A cultura romana pouco espaço apresenta para narrativas essencialmente míticas. O que possui são lendas<sup>2</sup> de heróis cívicos, ligados à história de Roma. Outros tempos ... outra mentalidade. Assim, Vergílio aceitou a difícil tarefa de prover seu poema com um imaginário mítico, que ainda fosse significativo para a mentalidade de sua época e, ao mesmo tempo, compatível com tradição histórica e lendária. Assim, em lugar da ninfa Calipso ou da maga Circe, escolhe Dido, uma personagem lendária, como variação imaginária para o mítico encontro de Odisseu com o feminino.

Dido ou Elissa é uma fenícia. Seu marido Siqueu, rei de Tiro, havia sido assassinado por seu cunhado Pigmalião, o que levou Dido a fugir de sua terra e a fundar uma colônia fenícia, que viria a ser conhecida mais tarde como Cartago, a grande adversária de Roma. Assim a célebre ofensiva verbal *Delenda Carthago* de Catão<sup>3</sup> ecoa no poema, e as guerras púnicas recebem uma fundamentação mítico-filosófica.

Mítica, pois o amor de Dido e Enéias é apresentado no poema com um colorido divino. Por obra de duas deusas, Juno e Vênus, o obediente Cupido, tomando a forma do menino Iulo ou Ascânio, filho de Enéias, fere com sua flecha a hospitaleira rainha, que a partir de então torna-se uma vítima da paixão.

Filosófica, pois sob a ótica do estoicismo a paixão é justamente o pior dos males, ou melhor, uma patologia. Mas quão doce e pungente é esta *passio*, esse sentimento paradoxal que Vergílio soube tão bem expressar em palavras!<sup>4</sup> Levados pela paixão, Enéias e Dido entregam-se ao amor em uma gruta, ao abrigo de uma tempestade, desencadeada com este propósito pela divina Juno. Nesse transporte apaixonado, Dido deixa de ser rainha e estadista e passa a ser uma simples mulher que se entrega a si mesma e também o seu reino ao amante. Mas o *fatum* de Enéias já estava determinado desde sempre<sup>5</sup>: ele tinha uma missão, a de fundar uma

<sup>2</sup> Lendas no seu sentido etimológico: *legenda* (o que deve ser lido) > *leenda* > lenda.

<sup>3</sup> Marco Pórcio Catão, personalidade política e orador de enorme envergadura, que, após 153 a. C., obcecado pela ameaça cartaginesa, finalizava todos seus discursos no Senado com a famosa frase: “Cartago deve ser destruída”.

<sup>4</sup> Especialmente *En.* IV, 80 – 85. v. 82: *illum absens absentem auditque videtque.*

<sup>5</sup> Desde a *Ilíada*, Enéias está predestinado a uma missão, que no entanto não é explicitada no poema homérico.

nova Tróia. Curvando-se à vontade dos deuses, transmitida pelo mensageiro Mercúrio, Enéias, a despeito de seu desejo, acata a ordem divina. Estoicamente, sob os ditames da razão, o herói domina sua paixão e desejo e cumpre seu fado: ele parte (*non sponte*), abandonando Dido à desonra, à vergonha e ao suicídio - uma solução honrosa, na perspectiva estoica.

Inscribe-se, assim, sob o signo da fatalidade, cumprida *in illo tempore* mítico, anterior à própria fundação de Roma, a origem da histórica desavença de duas nações: a cartaginesa e a romana. Fatalismo filosófico e mitologia dessacralizada era de fato o *modus intelligendi* à época de Vergílio, que, como todo autor, escreve e pensa a partir de e inserido em seu contexto histórico-cultural, o que em nada lhe diminui o *engenho e arte*.

Dido é ainda um elo significativo entre o IV Canto e o VI Canto do poema. O Canto VI narra a catábase do herói. Assim como Ulisses, no canto XI da *Odisséia*, consulta Tirésias no mundo dos mortos, assim também Enéias desce ao mundo subterrâneo a fim de consultar seu pai Anquises. Cerne da obra vergiliana, este Canto apresenta, sob a forma de uma estupenda síntese poética, o sincretismo filosófico-religioso romano.

O mundo dos mortos, ou melhor, os *infera loca* ou regiões inferiores desfilam sob nossos olhos numa belíssima paisagem onírica em que se movem Enéias e sua guia, a Sibila de Cumas. O inefável, o saber humano só o pode expressar por uma analogia simbólica, por uma imagem. O rigor do discurso lógico explicativo não pode ser esperado nem exigido quando o assunto é o destino último do ser humano, numa obra que é primordialmente poética e não dogmática. A escatologia vergiliana baseia-se em diferentes concepções filosófico-religiosas de sua época, fundindo a doutrina estoica da *anima mundi* com fundamentos platônicos, órficos e pitagóricos, numa síntese que bem reflete a multívoca orientação espiritual do ser humano antes do advento do Cristianismo.

Nesse universo onírico, Enéias encontra novamente Dido. Nem mesmo na morte a *umbra* da rainha esquecera seu tormento. Confinada aos *Lugentes campi*, o lugar destinado aos que sucumbiram a suas paixões, ainda arde no fundo do coração de Dido a incurável ferida. Sem ouvir as palavras de Enéias, ela dele se afasta ressentida, indo ao encontro da *umbra* de Siqueu. A paixão funesta condena o ser humano aos grilhões

do cárcere do corpo; o domínio da paixão por via da razão conduz o ser humano à sabedoria, conseguida por meio de uma ascese constante que propicia a ataraxia, a impertubabilidade da alma frente às vicissitudes do mundo. Eis em primeiro plano a doutrina filosófica estoica e, em segundo, mas derivada do primeiro, a fatalidade da ordem das coisas, que também aqui pode ser compreendida como fundamento ideológico na histórica questão das guerras púnicas.

A doutrina pitagórica e empedocliana da metempsicose ou da transmigração das almas para um novo corpo em diálogo com a teoria órfico-pitagórica e com a teoria platônica exposta nos três grandes mitos escatológicos de Platão é o pano de fundo sobre o qual se delinea a delicada tecitura da poética vergiliana, em que Anquises revela ao filho, um a um e ordenadamente, os mistérios de uma realidade, ela própria indemonstrável. Nesta revelação, a teoria da metempsicose órfico-pitagórica e a teoria da *anamnêsis* platônica se entrecruzam com o efeito de superar a linearidade do tempo histórico e criar a bela e onírica imagem em que passado, presente e futuro se encontram. Enéias pode assim contemplar o futuro de sua progênie, a descendência de Iulo e Sívio, que às margens do rio Letes espera a hora e a vez de cumprir seu *fatum*: traçar o destino da nova Tróia. Esta nova Tróia que o herói, cumprindo o seu *fatum*, estará comprovadamente apto a fundar, após sua anábase ou retorno ao mundo dos vivos. Percurso do herói mítico e ainda homenagem do autor à família Júlia, a Augusto e a Roma? Sem dúvida! Mas não nos esqueçamos de que a *Eneida* é um poema inacabado, no sentido de que o autor ainda pretendia revisá-lo, no que foi impedido pela morte. Dela, no entanto, foi literariamente resgatado por Dante Alighieri que o adotou como guia do eu-poético da sua *Divina Comédia*. E assim Vergílio vive eternamente no limbo imaginário da literatura ocidental.

Vivo também permanece entre nós o paduano Junito de Souza Brandão, mestre querido e único, que me ensinou, entre infindas outras coisas, a amar a arte do mantuano Vergílio e que continuará a me ensinar por meio de suas obras hoje, amanhã e sempre. A ele, citando Vergílio e Dante, *manibus – o - date lilia plenis!* <sup>6</sup>

Uale!, dilecte magister!

---

<sup>6</sup> *En.* VI, 883 e *Purgatório*, 30, 21. Em Vergílio, Anquises com estas palavras lamenta a morte prematura de Marcelo; em Dante, Beatriz é recebida pelos anjos com este mesmo canto: "Lançai(-lhe) lírios a mancheias!"

## BIBLIOGRAFIA

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*.(1976). Tradução, Introdução e Notas de Cristiano Martins. São Paulo: EDUSP/Itatiaia.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana*.(1993) 2ª. ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes/ Ednub.

FLACCO, Quinto Orazio. (1983) *Le lettere*. Introduzione, traduzione e note di Enzo Mandruzzato. Testo latino a fronte. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli.

MARO, P. Vergilius. *Opera*. (1903). 15ª ed., Paris: Hachette.

## **A interdição do olhar: o mito de Orfeu na visão de Junito Brandão**

**Profa.Dra. Mary Kimiko G. Murashima**

(UERJ – FEFJPII – FGV)

Resumo:

Uma leitura do mito de Orfeu e da interdição do olhar para trás, à luz do orfismo, retomado no quadro das religiões da Grécia antiga – religião de mistérios em meio às influências apolíneas e dionisíacas – e das obras do prof. Junito de Souza Brandão que revisitam o mito na modernidade.

Palavras-chave: **1. Orfeu; 2. orfismo. 3. mito**

Para Junito,

arqueólogo de múltiplos saberes que,  
qual Orfeu, ultrapassando os limites do tempo  
e vencendo o interdito das direções,  
ensinou a nunca ter medo de olhar para trás.

Hic, ne deficeret metuens, avidusque videndi,  
Flexit amans óculos, et protinus illa relapsa est;  
Bracchiaque intendens, prendique et prendere certans,  
*Nil nisi cedentes infelix arripit auras.*<sup>1</sup>

(OVIDIVS, *Metamorphoseon*, Líber X, v. LVI-LIX)

---

<sup>1</sup> “Temendo aqui o amante perder-se a amada, cobiçoso de a ver, volve-lhe os olhos, e, de repente, lha roubam. Corre, estende as mãos, quer abraçar, ser abraçado, e o mísero somente o vento abraça..”